

## A MAGIA DE NATÉRCIA

Regina Pamplona Fiúza<sup>10</sup>

É sempre com grande emoção que falo sobre Natércia Campos, autora admirável e amiga com quem durante muitos anos dividi alegrias e tristezas. Na vã tentativa de defini-la, ocorre-me que certas pessoas, a exemplo de pequenos sóis, possuem luz própria, irradiando-a para os que ficam em volta. Natércia Campos foi uma delas. Na realidade quem conheceu de perto a fascinante personalidade de Natércia Campos, filha de D. Zezé e do nosso grande Moreira Campos, sabe que ela transmitia um sentimento de paz e de compreensão humana, na simplicidade de seus gestos e palavras, que escondiam uma das inteligências mais lúcidas que conheci.

Mesmo passando por experiências difíceis, foi um espírito forte, resoluto e amigo. Tendo um profundo conhecimento dos segredos da criação literária, projetou-se na literatura, em 1988, quando foi uma das ganhadoras do Prêmio Bienal Nestlé, com o livro de contos *Iluminuras*, que recebeu da crítica especializada as melhores referências por seu conteúdo e originalidade. Na verdade, ela já havia tirado o primeiro lugar no Concurso Literário do Banco Sudameris com o conto *A Escada*, em 1978.

Algum tempo depois, ao voltar de uma viagem à Península Ibérica, escreveu o belíssimo livro *Por Terras de Camões e Cervantes*, hoje em sua segunda edição. É um relato em forma de carta a um grande amigo, e que nos emociona por sua maneira poética de dizer as coisas, de descrever o que vê e sente e de transmitir um profundo conhecimento histórico, envolvendo-nos a ponto de nos sentirmos transportados para as épocas e os locais descritos, como o trecho a seguir:

*Voltei. Constatei que nada revelam as fotografias do mundo que se vê, se sente, se aspira. Valerão talvez para registrar o momento. Só. Os postais, com mais técnica, sempre são tentativas melhores de se mostrar um retábulo, um monumento, uma fonte. Mas nem fotografias nem postais transmitem o que nos envolve a alma ao entrarmos em uma tarde gris, fria e chuvosa no longo e profundo Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, dos monges da Ordem Cis-*

---

10 Escritora e Mestre em Letras Vernáculas e Literatura Brasileira pela UFRJ.

*terciense, organizada por São Bernardo. É você e aquela atmosfera densa, histórica, pungente que lhe impõe o silêncio. Tento sentir com o imaginário as dores, os desatinos, as contidas e flageladas ânsias, na luta acirrada com a matilha desenfreada dos sentidos e instintos da carne dos jovens e silenciosos monges cistercienses.*

Em seguida, Natércia publicou, pela Fundação Demócrito Rocha, *A Noite das Fogueiras*, precioso livro que reúne histórias sobre o mistério e o fascínio das lendas, dos mitos, dos sortilégios e das magias que envolvem o homem desde o início das eras, e que vêm sendo preservadas pela oralidade, ao longo do tempo, mas que atualmente andam desprezadas pela exatidão do mundo. Mais do que nunca, precisamos da fantasia, do sonho, do fantástico, e as *Fogueiras* de Natércia nos ajudam a resgatar tudo isso, foi como ela disse:

*Através dessas narrativas, as gerações retrocedem no tempo, envoltas pela força de suas palavras. O contador de histórias descortina os mistérios das lendas; o encanto dos mitos; o poder oculto e presente dos deuses na terra e nas estrelas, as forças da natureza. Revela aos ouvintes sagrados rituais, em que bruxas, magos, druidas, sacerdotes, xamãs reverenciavam, desde o princípio, a luz nascente vinda dos céus – o Sol Invencível.*

Em 1999 fomos presenteados com o notável romance *A Casa* ganhador do Prêmio Osmundo Pontes de Literatura e que, no meu entender, foi muito além de tudo o que preconizou Robbe-Grillet nas teorias do nouveau roman.

É um romance que inventa a si mesmo! É a literatura do olhar, da observação profunda, da descrição extremamente poética. E *A Casa* se produz na superposição de duas suítes temporais, como as duas vozes na música. É a interação perfeita do narrador – personagem principal com o *leit-motiv*. A narrativa, feita pela própria casa, nos conduz a uma análise da alma humana, com seus sofrimentos, suas catarses, suas alegrias:

*Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento. Meu embasamento, desde as pedras brutas quebradas pelos homens a marrão aos baldrames ensamblados nos esteios, deu-me solidez.*

Natércia constrói um elo entre dois tempos e parece remontar o próprio tempo, ao mergulhar num passado que também é presente. A própria casa afirma:

*Existe um tempo abaixo das minhas inúmeras telhas que persiste em voltar, como se sobre este tempo alguém tivesse nele posto rédeas e o trouxesse de volta para atá-lo aos pilares das grossas barras aneladas dos meus amplos e hospitaleiros alpendres.*

No processo de criação de *A Casa* a autora mostra-se grande conhecedora da cultura dos povos e do universo popular nordestino.

Lembro-me de uma entrevista de José Américo de Almeida, reproduzida no jornal *O Povo* na série Entrevistas Históricas, que ao ser indagado se o ciclo chamado Literatura da Seca já havia chegado ao fim, respondeu que o Nordeste tinha condição de desenvolver uma literatura própria, independente dos temas da seca e do cangaço. Não que esses assuntos já estivessem esgotados, mas eles dependiam de novos talentos, de outras revelações que expressassem o ambiente, o meio, com uma nova abordagem. Precisaria, portanto, ser lançado um romance renovado, com diferentes recursos literários e artísticos e que quando surgisse um escritor com essas qualidades, o Romance do Nordeste teria condições de representar novamente um importante papel na Literatura Brasileira, o que me faz concluir que esse Romance é *A Casa*, e essa escritora é Natércia Campos. Vejamos este belíssimo final de *A Casa*:

*Muitos anos passaram. Em junho, na véspera do dia mais longo do ano, quem primeiro conseguiu avistar-me no espelho das águas foi Eugênia. Aconteceu quando a estrela Vésper surgiu brilhando no céu, na hora das Trindades em que os ventos tangem luz e sombra nos caminhos entre o céu e a terra. Os ventos, que agitam as superfícies das águas, murmuram que é sinal de sorte para aquele que consegue vislumbrar a Casa Grande pousada nas águas profundas e sempre serenas. Sobrevoam estas águas, à minha procura, os ventos-cerceados quando em travessia.*

*Próximo à Hora-Grande da meia noite por brevíssimos instantes, as águas adormecem. Sonho então, sob a luz das estrelas, que sou uma fluída aquarela a espriar-se refletida no cristal das águas.*

Em 2001, publicou *Caminho das Águas*, onde nos conta sua viagem ao Amazonas, outro belo exemplo de prosa poética e perfeito domínio da narração, levando-nos, entre o real e o imaginário, a seguir com ela pelas águas mágicas, sob a orientação da lua e das estrelas. E Natércia diz:

*Neste espaço de tempo de grave espera, o navio levantou âncora e a esteira das águas seguiu-lhe o destino. A noite insinuava-se mansa na amplidão do*

*Atlântico. A distância da praia alongava-se tornando difusos seus pontos luminosos. Na terra a luz relutou até adormecer vindo a despertar na vastidão das estrelas. Acendera-se a brilhante e solitária Capella, nosso elo de origem com o infinito. Pensei nos entes queridos que gostaria de ter comigo. Eram tantos ! Contam que na Lua Cheia as marés e nosso imaginário ficam sob a influência das magias lunares.*

Natércia foi, portanto, uma mulher sensível e autêntica, que reconstruía diariamente os seus caminhos, mantendo fidelidade aos seus princípios e fazendo tudo com dignidade e perfeito domínio da razão e da emoção.

Seu grande patrimônio, além da literatura, foram os amigos e a família maravilhosa que construiu, transmitindo a todos, com carinho, a sua sabedoria.

Um amigo comum, o filósofo Paulo Condorcet, disse uma vez: “Natércia me lembra uma personagem de romance”, com o que concordo plenamente e acrescento: uma heroína forte e ao mesmo tempo suave e misteriosa, uma figura iluminada.

Há vinte anos, Natércia se encantou. Louvores sejam dados a ela, mulher admirável, com quem aprendi verdadeiras lições de vida.